

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

17.º Anno

11 DE NOVEMBRO DE 1894

XVII Volume — N.º 572

## MORTE DO IMPERADOR DA RUSSIA



ALEXANDRE III — FALLECIDO NO DIA 1 DO CORRENTE



## CHRONICA OCCIDENTAL

Quando era rapaz e rapaz muito novo ainda, os meus passeios favoritos eram para o Cemiterio!

E não vão imaginar por esta minha predilecção de gato-pingado, que eu era um romantico, um merencorio, um sentimental!

Nada d'isso! Era alegrissimo, pelo contrario, alegrissimo eu e alegrissimos os meus dois companheiros permanentes d'esses passeios quotidianos, que foram os companheiros jovias da minha despreocupada mocidade, o Rodrigo Affonso Pequito, hoje grave par do reino, erudito professor, um dos quarenta maiores contribuintes do seu bairro, e o Augusto Alexandrino do Carmo, que n'esse tempo não pensava senão em comédias e em litteratura e que mais tarde teve aquella famosa livreria da rua do Ouro, que foi como que a academia dos mais brilhantes espiritos da geração nova — geração que hoje já é quasi velha! — o pobre Carmo, que tinha tanto talento, tanta alegria e que já ha tantos annos dorme o eterno sono n'esse cemiterio dos Prazeres, de que elle gostava tanto, e que nós frequentávamos diaramente com a assiduidade, com a pontualidade, com que os janotas de Lisboa fazem hoje a Avenida.

De dia tínhamos as nossas aulas, os nossos estudos, as nossas occupações, mas á tarde, depois de jantar ia-mos todos tres a correr para o cemiterio dos Prazeres e ahi passavamos horas e horas a passear por aquellas ruas selenciosas, a lêr e a commentar os epitaphios dos jazigos, a espreitar a dôr, a ingratidão, a volubidade e a toleima humana que de vez em quando iam para ali passear tambem o seu boccado.

E eu com a mania litteraria que já então andava de volta comigo, pensava em fazer um livro, que deveria ser uma obra notavel, que havia de me dar a celebridade, livro que graças a Deus nunca cheguei a perpetrar, que nunca passou do titulo, um titulo muito tolo — *a Sombra dos Cyprestes*, sombra d'uma arvore que quasi que não dá sombra nenhuma.

Durante um par d'annos essas nossas peregrinações lugubres repetiam-se todos os dias, até que uma tarde uma scena a que assistimos no cemiterio, nos enxotou de vez d'esses passeios.

Lembro-me perfeitamente d'essa scena.

Foi no cemiterio do alto de S. João, n'um dia da proecissão do Corpo de Deus.

Toda a gente andava cá pela baixa acotavelando-se pelas ruas por onde passava a procissão, que n'esse tempo S. Jorge e os seus pretinhos não se limitando a dar a volta pelo largo da Sé, passeavam por um bom par de ruas da baixa. Nós, segundo o nosso costume, não quizemos saber de festas e n'esse dia, para variar em vez do cemiterio dos Prazeres fomos ao cemiterio do alto de S. João, que por mais afastado frequentavamos menos vezes.

Quando chegámos, o cemiterio estava deserto e só lá no fundo um punhado de gente, seis ou sete pessoas, ao pé da valla commum.

Ia-se fazer um enterramento.

Fomos vêr.

O morto estava n'um esquife, não tinha caixão. Era um homem novo ainda, um fadista, dizia o a sua *toilette*, denunciavam-n'o as melenas de cabello negro, ondeado, empastado, cahido sobre a testa, amarella como cêra.

Os olhos estavam vendados por um lenço branco com barra escarlata. Vestia jaleca preta d'almare, cinta negra, calças muito justas á perna, terminando em boca de sino, meias de linha branca, chinellos novos, bronzeados, d'esses chinellos que fazem os presos do Limoeiro.

O grupo que estava em redor do esquife eram mirones, como nós, que olhavam para tudo cõquillo indifferentes, e uma rapariga trigueira, muito feia, toda vestida de chita preta e que tinha os olhos vermelhos de chorar.

Os coveiros tiraram o cadaver do esquife.

A rapariga, a soluçar, debruçou-se sobre o cadaver para lhe dar um beijo, mas apenas chegou os labios á testa do morto afastou-os instinctivamente, involuntariamente, com essa repugnancia physica do frio da morte.

Os coveiros agarraram no cadaver, puzeram-no sobre uma tabua e depois balouçando a tabua em duas cordas, foram n'a levando até ao fim da cova.

— Vejam lá se elle está morto deveras, coitadinho! soluçou a rapariga.

— Se está morto! Ora adeus! Deus a livre a vomecê de estar como elle está, disse um dos coveiros enquanto o outro puchando para cima a tabua deixava lá em baixo o cadaver sobre a terra.

Depois começou a cavar e a atirar para baixo a terra, que cahia sobre o morto com um ruido secco, lugubre, que não se parece com mais nenhum soa... Pá! Pá! Pá!

E a cada punhado de terra o corpo abalava-se, mexia-se como se estivesse vivo ainda,

A rapariga trigueira desatou n'um berreiro enorme de choro.

E a terra ia cahindo sobre o cadaver com aquelle som soturno secco...

E por fim já o corpo estava todo encoberto e ainda se viam os sapatos bronzeados e as meias brancas, estremececeram a cada punhado de terra, espetados para cima, como se viessem a nascer do chão...

Por fim os pés desapareceram tambem.

Afastamo-nos silenciosos, em quanto a mulher, a soluçar lá ficou ainda a olhar para a valla, e sem nos consultarmos, sem dizermos nada uns aos outros, encaminhamo-nos todos tres para a porta do cemiterio.

Quando nos achámos cá fora, na circumvalação, respirámos aliviados como se nos tivessem tirado de cima de nós um peso.

E então começamos a conversar, mas nenhum de nós fallou da scena a que acabavamos de assistir.

Diziamos coisas para rir, chalaças, mas o nosso riso era amarello.

N'essa noite sonhámos todos tres com aquelles pés que nasciam da terra e nunca mais fomos passear para o cemiterio.

Estavamos curados!

\* \* \*

Estas recordações longiquas, sobre as quaes já passaram os seus trinta annos, foram acordadas agora pelo dia 2 d'este mez, pur esse dia de Finados que leva toda a gente aos cemiterios, não por um exotico prazer, mas por dever piedoso, accordou-as tambem um artigo muito curioso que ácerca de cemiterios encontramos n'um jornal hespanhol.

Esse artigo reproduz alguns epitaphios celebres que por muito interessantes vamos traduzir aqui:

Epitaphio d'uma matrona romana:

*Guardou a sua casa: fiou a sua lan.*

Epitaphio de Alexandre Magno:

*«Uma tumba basta para aquelle a quem não bastou o mundo.»*

D'um desconhecido no cemiterio de Mantua:

*«Fui, não sou: sois, não creis.»*

Epitaphio d'um frade:

*«Aqui frei Matheus repousa*

*«Em vida não fez outra coisa.»*

É celebre na litteratura franceza o epithaphio feito para o tumulo de Richelieu:

*Ci-git un fameux cardinal  
que fit plus de mal que de bien;  
le bien qu'il fit, il le fit mal:  
le mal qu'il fit, il le fit bien.»*

Em Santarem n'um convento, existe a seguinte inscripção rumular:

*«Aqui jaz Vasco Figueira, muito contra a sua vontade.»*

N'uma igreja de Navarra ha este epitaphio:

*«Aqui jaz dona Marina, que morreu tres dias antes de ser condessa.»*

No cemiterio de Málaga ha um epitaphio curioso cemposto em vida pela pessoa a quem se refere. É assim:

*A divida que os mortaes  
Contrahiram ao nascer.  
Paguei deixando de ser  
Pedro Alcantara Corraes.*

O poeta Lopes d'Ayala fez o seu epitaphio que não chegou a pôr-se no tumulo, E' muito original. Ayala tinha uma bronchite que o fazia tossir immenso, quasi que permanentemente, o que o incommodava muito, tanto a elle como as pessoas que o ouviam e por isso o epitaphio, que para si mesmo escreveu, reduzia-se a tres palavras:

*«Já não tos. e.»*

N'um cemiterio de Hespanha este epitaphio, comico, que não traduzimos para não lhe tirarmos o sabor que só em hespanhol tem.

MARIANITA

*Murió á los cinco meses de eaade*

*Hija mia!*

*Que pronto comestaste, a dar-nos disgustos!*

*Tus Padres..*

No Père Lachaise ha um sem numero de epitaphios divertidissimos.

Um:

*«Aqui jaz X... que foi bom pae, bom esposo e bom cidadão. A sna inconsolavel viuva, continua á frente do seu estabelecimento na rua de tal numero tantos.»*

Outro:

*«Aqui jaz a menina F. Na terra foi um anjo, o que não será no cén!»*

Outro:

Um idyllio conjugal. No tumulo da esposa — *Je t'attends.* No tumulo do marido, ao lado: *«Me voici.»*

O curioso d'este idyllio é que o marido inconsolavel foi ter com a esposa, trinta e cinco annos depois d'ella estar a esperal-o!

Nos cemiterios de Lisboa tambem abundam epitaphios extravagantes.

Nos Prazeres por exemplo, n'um jazigo d'uma ruas proximas do tumulo dos duques de Palmella ha esta conceituosa quadra, que eu sei de cor, ainda dos passeios de rapaz a que me referi no começo d'esta chronica:

*«Ó tu que me estás lendo*

*«Que te importam os ossos meus.*

*«Emquanto fôres vivendo*

*«Ri do mundo e teme a Deus!»*

N'um tumulo logo á entrada do cemiterio, na primeira rua á esquerda, muito perto do jazigo municipal ha um tumulo que é uma grande pedra sobrepujada por uma cruz.

A pedra está toda coberta de hera e a unica inscripção que esse tumulo tem é um pé gravado na pedra, um D com uma apostrophe, e uma rosa.

A traducção d'este enigma é:

*Ped'rosa (Pé d'rosa).*

Devem concordar que como inscripção tumular um enigma pittoresco é um verdadeiro achado!

\* \* \*

Finalmente depois de lutar largas semanas com a morte e precisamente na occasião em que mais esperanças havia na victoria e em que os proprios medicos, que ao principio tinham negado todas as possibilidades de cura começavam a convencer-se que essa possibilidade se podia dar e que se faria o milagre, o Czar da Russia succumbiu á terrivel doenca que o minava.

Essa doenca segundo umas cartas recentes do dr. Leyden a um seu illustre collega na faculdade de Medicina de Berlim parece que não era o mal de Bright como se disse; mas sim, um cancro nos rins.

A respeito dos diagnosticos e dos prognosticos dos numerosos medicos russos que examinaram o Czar e que trataram d'elle vae lá fóra nos centros medicos de Paris, de Vienna, de Berlim e de S. Petersburgo renhida e violenta discussão.

Alguns jornaes francezes accusam violentamente os medicos russos de impericia no tratamento do Czar e dizem que o imperador de todas as Russias morreu sem tratamento medico e que qualquer pobre operario francez que recolhe doente aos hospitaes de Paris, é tratado com mais sciencia, com mais cuidado, com mais arte, de que o foi o Czar.

Na Russia a opinião publica volta-se furiosa contra os medicos da corte e accusa-os de imprevidencia e de ignorancia. Diz-se por exemplo que elles andaram muito tempo a tratar do Czar sem saberem o que elle tinha e que foi um medico de bordo, que n'uma viagem que pelo mar fez o imperador nos principios d'este anno, notando os symptomas alarmantes que se manifestavam no rosto do Czar, vendo a inchachão dos sobr'olhos e das faces, pediu em seguida a um dos criados graves d'Alexandre III — uma porção da urina do Czar e que, analysando-a, descobriu a albumina que esses symptomas denunciavam; que foi esse medico que communicando o resultado da sua analyse ao dr. Zacharina, o medico imperial lhe abriu os olhos sobre a doenca do imperador. Diz-se agora tambem que o dr. Leyden confessou ao tal seu collega allemão que se enganára no diagnostico da doenca e que diagnosticou mal de Bright quando se tratava d'uma affecção cancerosa renal. Em todo o caso além de nada servirem

agora estas desculpas, estas accusações estes *can-cans* scientificos, que ha sempre em torno dos mortos illustres, não nos parece que mesmo havendo erro no diagnostico o enfermo nada perdesse isso porque, ou se tratasse d'um cancro dos rins ou do mal de Bright, o enfermo estaria irremediavelmente condemnado, sendo ambas as doenças igualmente terriveis e igualmente fataes.

O Csar Alexandre III Alexandrowitch cujos titulos eram imperador e autocrata de todas as Russias, Tsar de Moscow, Kiew, Wladimiro, Neyorod, Astrackan, da Polonia, da Siberia, da Chersonesse, Taumuia, senhor de Pskow, grã-duque de Srioquens, da Lithuania, Volkynia, Podolo e Finlandia, Principe da Esthonia, Livonia e Courlandia, morreu muito novo pois nasceu em S. Petersburgo ao 10 de março de 1845.

Era segundo filho d'Alexandre II e portanto não foi creado nem educado para o difficil officio de soberano, mas em 1865 o seu irmão mais velho, o csarewitch, morreu em Nice e portanto Alexandre passou a ser o herdeiro do imperio.

Em 1886 casou em S. Petersburgo com Maria Feodownoa, princeza Dagmar de Dinamarca, actual czarina e que fôra noiva do seu fallecido irmão e nunca houve no mundo casal mais feliz do que este *ménage* imperial, porque Alexandre III se foi o modelo dos soberanos foi tambem na sua vida intima o modelo dos esposos e o modelo dos paes.

Durante 15 annos o czarwitsch afastado dos trabalhos e das preocupações do governo viveu com sua esposa e seus filhos, que elle estremecia, vida perfeitamente burgueza, modesta, simples pois não havia em toda a Russia homem de habitos mais simples, mais singelos, mais metido consigo, que o fallecido czar.

Em 1881, assassinado pelos nihilistas, seu pae, Alexandre foi chamado a subir ao throno.

Como elle se desempenhou d'essa difficil missão de governar um povo, e de governal-o em autocrata, em senhor soberano, dizem-n'o eloquentemente as saudades que deixou em todo o imperio, dizem n'o as bençãos do mundo inteiro, que via n'elle o grande pacificador.

Seu pae germanisára toda a Russia, Alexandre começou o seu imperio russificando-a. Com a sua elevação ao poder «acabou o reinado dos *bergs*, e começou os dos *offs*» como se dizia em S. Petersburgo alludindo aos ajudantes de campo que o novo imperador escolhera para si e aos fidalgos d'origem allemã que o antigo imperador tinha nas suas graças.

Alexandre III foi um grande monarcha, um homem de bem, um homem honrado em toda a extensão da palavra, dotado de uma grande autoridade, de uma grande energia e d'uma força herculea, tanto moral como physica. A sua vontade era a vontade suprema e absoluta em toda a Russia e pôde se dizer mesmo em toda a Europa. O que elle queria havia de se fazer: mas sabia querer, sabia dizer o que queria e queria sempre bem.

E além de tudo mais o Csar Alexandre III como diz um dos seus biographos foi um imperador da Russia, russo dos pés á cabeça, um verdadeiro russo e um grande russo.

Gervasio Lobato.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### ALEXANDRE III E A IMPERATRIZ VIUVA

A chronica d'este numero occupa-se largamente do grande colosso que a morte acaba de victimar, Alexandre III imperador da Russia, por isso aqui apenas reunimos algumas notas biographicas.

Alexandre III nasceu a 10 de março de 1845, filho do imperador Alexandre Nicolau, que foi victima de um attentado dos nihilistas, em 13 de março de 1881, e da imperatriz Maria, princeza de Hesse.

Desde 1865 que era o principe herdeiro do throno da Russia, ao qual subiu por morte de seu pae.

As condições em que Alexandre III subiu ao throno não podiam ser mais desfavoraveis, porque a Russia, minada pelas idéas inihilistas, conspirava por todo o paiz contra o governo imperial, acabando Alexandre II de ser victima de uma bomba explosiva que os nihilistas lançaram no seu caminho.

Este facto influiu poderosamente no espirito de Alexandre III, para proseguir no governo de repressão, talvez contra sua vontade, pois era dotado de um espirito mais liberal que o de seu pae, mas para que não se pensasse que elle por medo cedia as intimativas nihilistas.

E não se pense que o partido nihilista era só do baixo povo; n'elle estavam filiados muitos homens importantes da Russia, e das escolas superiores sahia um bom contingente de estudantes que pugnava pelas liberdades publicas.

Assim os primeiros annos do governo de Alexandre III foram attribulados e o phantasma das conspirações proseguiu o novo monarcha por toda a parte, a todas as horas, até dentro do seu palacio, á mesa das suas refeições, na leitura de qualquer carta ou papel que recebia, em todos os momentos e actos da sua vida.

Comprehende-se quanto era horrivel cingir assim uma corôa de imperador. Alexandre III, porém, com a sua grande coragem soube triumphar de todos os perigos que o cercaram, e sem se arredar do caminho encetado, ganhar a confiança do seu povo e os respeito do mundo inteiro, dotando o seu paiz com grandes melhoramentos, restabelecendo as finanças do estado, bastante abaladas quando tomou conta do governo, e elevando o exercito consideravelmente.

A sua administração foi das melhores, o que concorreu para mais engrandecer o seu paiz.

Quando Alexandre III subiu ao throno da Russia tinha 36 annos de idade e havia desposado, em 1866 a princeza Dagmar da Dinamarca, a qual estava para casar com o grã-duque Nicolau, irmão de Alexandre.

O grã-duque Nicolau morreu de uma tísica em Nice e ali antes de morrer, legou a seu irmão, juntamente com os seus direitos de herdeiro do throno da Russia, a mão da princeza sua noiva.

Para esse fim deixou uma carta a seu irmão, em que lhe pedia que desposasse a princeza de Dagmar. Esta carta conservou a Alexandre por algum tempo sem lhe dar cumprimento, na duvida em que estava da princeza o acceitar por marido, até que um dia resolveu dirigir-se a Charlottenburg, residencia da familia real da Dinamarca e ali encontrando-se a sós com a princeza, lhe communicou a carta de seu irmão.

Foi extremamente tocante esta entrevista e esta revelação, porque a promettida noiva de Nicolau tambem tinha uma carta do seu fallecido noivo em que lhe fazia igual pedido.

Assim se dispôz o casamento de Alexandre com a princeza de Dagmar, que aos dotes da mais correcta formosura reunia os de uma alma cheia de bondade.

Não pouco influiu no character de Alexandre a estrema bondade e virtude de sua esposa, assim como tambem influiu para serenar as tremendas tempestades que assaltaram o principio do reinado de Alexandre III, convertendo o seu governo em um reinado de paz e de justiça.

A imperatriz, foi o anjo tutelar que acompanhou Alexandre III. A sua apparição tudo serenava, a doçura do seu olhar, o sorriso dos seus labios, a graça e gentileza do seu porte, que conserva com a mesma frescura da mocidade, fazia restabelecer a confiança e o respeito do povo pelos seus monarchas tantas vezes abalados.

Um verdadeiro anjo bom!

A imperatriz viuva chama-se Maria Sophia Frederica Dagmar e é filha do rei Christiano IX da Dinamarca e da rainha Luiza Guilhermina Frederica Augusta, princeza de Hesse-Cassel. Nasceu a 14 de novembro de 1847, tendo 19 annos de idade quando casou, em 1866.

É irmã da princeza de Galles.

São cinco os filhos que houve d'este consorcio. O grã-duque herdeiro Nicolau Alexandre, hoje imperador sob o ttulo de Nicolau II; o grã-duque Jorge Alexandre, nascido em 27 de abril de 1871; a grã-duqueza Xinia Alexandrina, nascida em 25 de março de 1873; o grã-duque Miguel Alexandre, nascido em 26 de novembro de 1878 e a grã-duqueza Olga Alexandrina, nascida em 1 de junho de 1882.

### A GUERRA DA CHINA E DO JAPÃO

A guerra tão inesperadamente ateadada, ha poucos mezes ainda, lá nos confins da Asia, e mediante a qual as duas nações belligerantes, China e Japão liquidam a final antigas divergencias, resultantes da inconciliavel rivalidade que, desde muito tempo existe entre os dois povos, logrou por mais de um motivo despertar o interesse e a anciedade das principaes nações da Europa.

A influencia que os resultados d'esta contenda

poderiam vir a exercer sobre a politica europeia, obrigando talvez os principaes gabinetes politicos a intervir em defeza dos seus interesses ameaçados, era hypothese que a todos sobresaltava; receiava-se a todo o momento vêr surgir qualquer complicação emprevista.

Esta lucta renhida, em que iam encontrar-se frente a frente dois povos quasi irmãos, profundamente separados, no entanto, pelos principios politicos mais oppostos, não podia, nem devia aliás deixar indifferentes as nações civilisadas do Occidente. Vemos d'um lado, a China aferrada com teimosia á sua antiga e proverbial aversão para com toda e qualquer influencia das idéas europeias, repellir com intransigente exclusivismo, assim os elementos do progresso material, como a moderna cultura dos espiritos. Do outro lado pelo contrario, admiramos a assombrosa rapidez com que o Japão prosegue no caminho uma vez encetado (e diametralmente opposto) logrando, com inquebrantavel energia, superar as resistencias do tradicionalismo conservador, e patenteando ao mundo inteiro, o espectáculo tão interessante quanto imprevisto, de uma civilisação asiatica, transformada pela cultura europeia, medindo-se face a face, com a mais velha e caduca das nações cultas do Oriente.

Outro motivo ainda, não menos poderoso, estimulando a curiosidade e o interesse das nações da Europa, as collocava em expectativa perante esta guerra singular: iam afinal passar por definitivas provas esses formidaveis elementos da moderna guerra maritima, que tamanhos sacrificios tem custado aos grandes povos do occidente e a que as duas nações belligerantes adoptaram tambem, por sua vez. Ambas possuem actualmente esquadras cujos possantes navios foram construidos nos primeiros estaleiros e arsenaes da Europa e segundo os melhores e mais modernos preceitos da sciencia do constructor naval. Iam agora e pela vez primeira, vêr-se os resultados de tão poderosos meios de combate, e portanto não é para admirar que os povos da Europa contemplem com anciosa curiosidade tão significativa lucta — pois todos antecipavam que o mar presenciaria os principaes tramites da contenda — e que os successos de maior significação teriam lugar sobre as ondas.

Encarregaram-se os factos de justificar o vaticinio: logo ao primeiro recontro naval os resultados foram de decisiva importancia para o futuro exito da guerra. N'este primeiro combate, que custou a vida a 1:500 homens, manifestou-se tambem desde logo a inquestionavel superioridade da marinha japoneza sobre a dos chins.

A 25 de julho, a esquadra japoneza, composta do navio almirante *Motsusima*, da *Naniva* e do *Kau*, encontrou-se com os cruzadores chinezes *Tsch-Yen*, *Kowanschi* e *Tsao-Kiang*, que vinham escoltando o novo vapor *Kosching*, que navegava com bandeira ingleza e trazia uma guarnição de 1:500 homens de infantaria chinesa. Os cruzadores em seguida a uma curta refrega, fizeram-se ao largo e, entretimes, a *Naniva* fez signal ao *Kosching* que fizesse alto — «Fica aonde estás ou soffre-lhe as consequencias» — acto continuo, lançava ferro, e immediatamente um escaler da *Naniva* conduzia a bordo do *Kosching* um official japonês, que intimou os chins a render-se. Os officiaes inglezes e um allemão, que commandavam, estavam já determinados a render-se; oppôz-se porém a este acto a violentissima resistencia tanto das tropas como da tripulação chinesa, as quaes ameaçavam de morte os seus chefes, caso tentassem entregal-os. A *Naniva*, em vista d'isto, rompeu o fogo, lançou contra o navio inimigo um torpedado, que fez voar pelos ares os paioes do carvão, ao *Kosching*, e seguiu-se uma tremenda explosão, não se afundando contudo o navio. Os japonezes, entretanto, não cessavam as descargas da sua artilheria grossa ajudando-as com as baterias de fogo continuo: ás quaes os chinezes intentavam responder com as suas salvas de mosquetaria e o fogo de uma bateria de campo.

Em breve, porém, a poupa e a parte anterior do *Kosching* estava já debaixo d'agua, e com ellas quasi toda a tripulação, da qual poderam salvar-se apenas 150 homens, sobre uns penhascos: escapando entre estes os officiaes inglezes: o capitão allemão Von Hanneken foi depois recolhido por um barco de pesca coreano.

O resultado d'este primeiro combate naval deixou antever o pouco que a China pôde contar com as suas forças navaes; e o peor é que não é de certo mais esperançosa a situação no que diz respeito aos seus exercitos; cuja insufficiencia trará sempre como resultado inevitavel a derrota.

A organização pomposa do decantado exercito

## MORTE DO IMPERADOR DA RUSSIA



A IMPERATRIZ VIUVA

chinez; o seu tão fallado milhão de combatentes, — numero aliás, bem escasso e ridiculo, para tão vasto imperio, o qual abrange a terça parte da superficie do continente asiatico e cuja população, densissima, se equipara (se é que a não excede) á da Europa inteira, — esses algarismos phantasticos, repetimos, não passam afinal de mera *chinesaria*; os soldados figuram quasi todos... no papel. O effectivo (o que é apenas um modo de dizer) abrange, quando muito, 300:000 homens, e devia sem duvida alguma, ser mais que sufficiente para oppôr efficaz resistencia, e até mesmo para supplantar, as forças japonezas, aliás muito inferiores em numero, e contando apenas um effectivo de 75:000 homens. Comtudo, é mister ainda reduzir a 200:000 combatentes a chamada *grande hoste nacional*; exercito de pura phantasia, tristissima milicia, composta na sua maioria, de mercenarios sem disciplina e de irregulares que quasi desconhecem a organização militar.

Não se apuram talvez entre elles 20:000 soldados, e estes ainda de efficacia militar um tanto duvidosa.

As unicas tropas á altura da moderna arte da guerra, que a China hoje possui, resumem-se ao exercito do *estandarte verde*, cuja força nominal, é de 100:000 homens — e o effectivo de 35:000 apenas. É este o corpo de exercito do commando especial do vice-rei Li-Hung-Tschang, cognominado, um tanto prematuramente, talvez, o Bismark chinês. A organização d'este contingente, é copia do exercito prussiano, e a sua instrucção

militar é confiada a officiaes prussianos. Estas tropas escolhidas, unicas com que a China pôde contar — são pois armadas e equipadas ao modo europeu; a infantaria com espingardas modernas de alcance, e a artilheria com os melhores e mais recentemente aperfeçoados canhões de Krupp.

Ao contrario da China, o Japão dedicou á disciplina do seu exercito attenção profunda e assidua, não sendo ousadia afirmar que este pôde competir, pela unidade e perfeita organização dos serviços, com os melhores da Europa. A sua officialidade, é em extremo educada e instruida.

Os mandarins que governam as diferentes provincias do Celeste Imperio, estão por esse facto, investidos no commando dos respectivos corpos de exercito que as guarnecem, e que cada um d'elles arma, equipa e *disciplina* como muito bem lhe parece, e segundo a sua ignorancia militar e o seu espirito de rotina. São aliás legendarias as constantes depredações de tão venalissimos funcionarios — e a caixa militar do exercito chinês derrama-se em parte nas algibeiras dos seus valentes mandarins — dignos émulos d'esses funcionarios civis que inventaram para figurar nos banquetes das festas do imperador, essas aves e outras iguarias de papelão, as quaes successivamente, e de anno para anno, vão servindo em todos os imperiaes festins, e figurando por verdadeiras nos orçamentos!

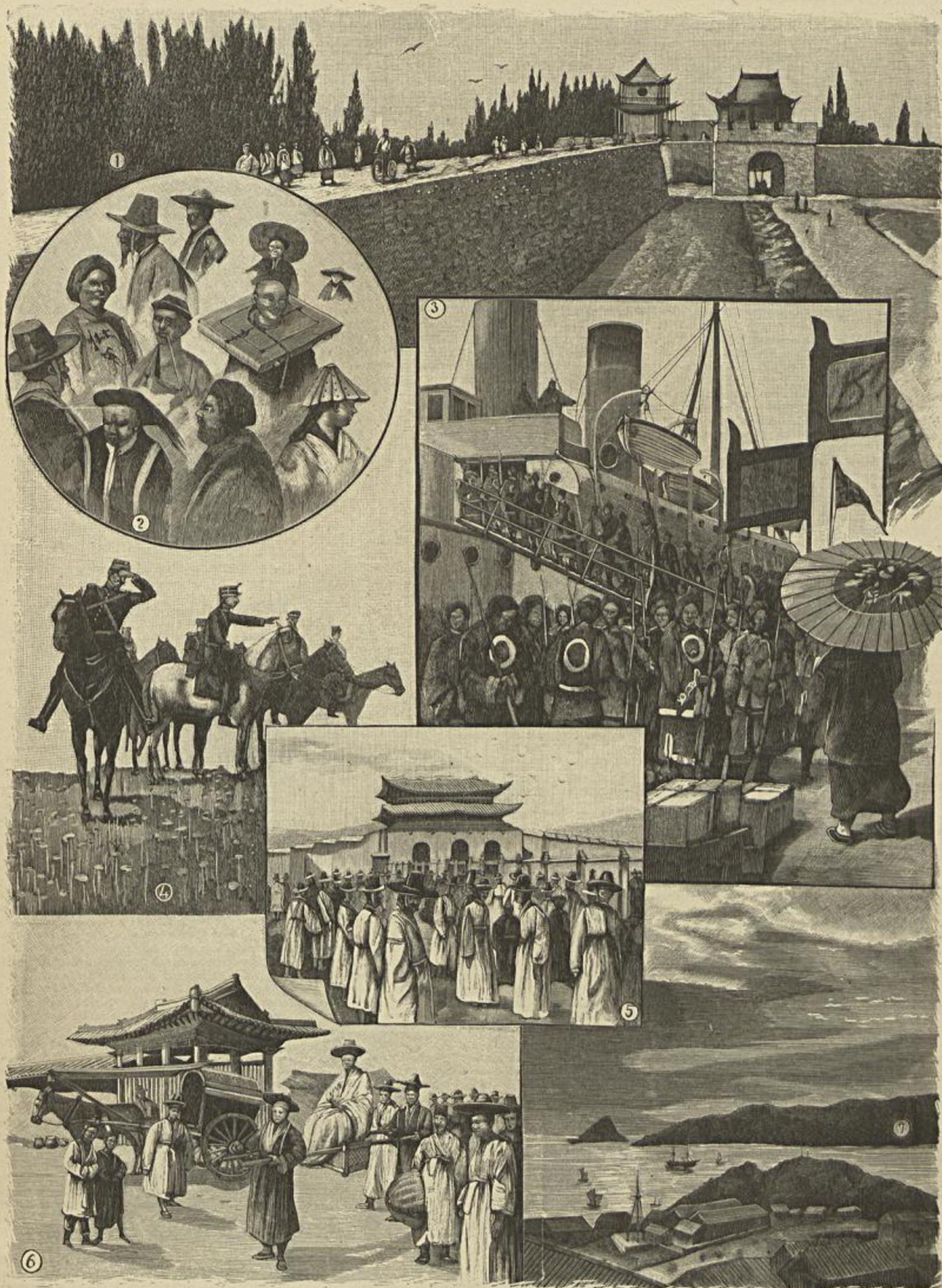
A ninguem deve pois causar espanto os desastres que para a China resultarem da guerra actual, e ninguem deve duvidar tambem, que tão tristes vexames se renovem ainda mais de uma vez no

futuro. Eram estas circumstancias mais que sabidas dos japonezes, e esse povo tão subtil e perspicaz, estava desde muito preparado para a guerra actual — espreitava apenas um ensejo favoravel, para ostentar a sua superioridade militar e afirmar formalmente o seu prestigio politico; appareceu afinal o pretexto. A violação, pela China, da clausula de um tratado, que em abril de 1885, os dois paizes, actuaes belligerantes, celebraram; e mediante o qual a Corêa se obrigava a manter um exercito regular, (com officiaes de reconhecida competencia, requisitados como instructores a uma terceira potencia,) afim de proteger os interesses do commercio e a segurança pessoal dos naturaes dos dois paizes, pondo-os ao abrigo dos conflictos internos tão frequentes na Corêa.

A China faltou ao contracto, mandando tropas suas para a Corêa, e os japonezes, quizeram ver n'esta medida uma intenção formal de conquista. A China, porém, accusa o Japão de ter sido o primeiro a dar o exemplo. Este, a pretexto de tentativa de conciliação, e provavelmente, de antemão convencido que a proposta não lhe seria aceita, propoz á China uma intervenção commum, para a manutenção da ordem, na Corêa; e a China, altiva e sobranceira, respondia allegando os seus direitos de suzerana.

Estava achado o pretexto, — a China cahiu na rede e, como ha pouco, com tanta penetração politica o declarava Emilio Castellar, os japonezes aproveitaram o ensejo para distrahir das questões da politica interna por meio d'esta guerra, a attenção dos seus partidos inquietos e para inflin-

# A GUERRA DA CHINA E DO JAPÃO



1 MURALHA DE KULDSCHA. — 2 TYPOS COREANOS. — 3 EMBARQUE DE TROPAS CHINEZAS. — 4 ESTADO-MAIOR JAPONEZ. — 5 PRAÇA DO PALACIO EM SOUL. — 6 UMA RUA EM SOUL. — 7 VISTA DE TSCHMULPO.

gir, ao mesmo tempo, aos seus retrogradados primos amarellos uma severa quanto aspera lição, invadindo-lhes o territorio e reduzindo-os á extremidade de appellarem como ultimo recurso, para a intervenção das grandes potencias europeias.

A nossa pagina illustrada apresenta um conjunto de vinhêtas referentes á região e aos povos do theatro da guerra.

Reproduz a vinhêta n.º 1 um lance da muralha que circunda a cidade coreana de Kuldsha. Conforme se pôde ver da gravura, tanto os edificios de primeira importancia como tambem as mais vulgares construcções urbanas revelam origem chinesa. São manifestamente chinezas as casas, com os seus telhados recurvos; e chinezas tambem a extraordinaria muralha, pela parte superior da qual segue uma rua, de animadissimo transito.

Estas muralhas, meio de defeza aliás commum a todas as cidades da China de uma tal ou qual importancia, são construidas de cantaria grossa; e a sua altura regula entre trinta e quarenta pés, e a largura na proporção, apresentando, porém, na parte superior menor diametro.

O n.º 2 reproduz varios typos coréanos das diversas condições sociaes. Os habitantes da Corêa differenciam-se visivelmente dos chins, posto sejam communs a ambos os povos os caracteristicos da raça mongolica. São mais esbeltos e bem parecidos que os filhos do Celeste Imperio, e aproximam-se mais do typo japonico: avantajam-se tambem — os homens pelo menos — em estatura e robustez, aos japonezes. O nariz é menos achatado que o dos naturaes d'aquelles dois paizes e em muitos individuos, apresenta forma absolutamente europeia. Teem a barba mais accusada e, saliente, e menos obliquos os olhos. Deixam crescer as barbas, que alguns usam assaz longas, talhando-as, porém, de modo muito diverso do europeu. O cabello é preto, comprido e corredio, os solteiros costumam apartal o ao meio e entrançam-lhe a parte posterior em rabicho, não tão comprido, porém, nem tão grosso como o dos chins.

Os coréanos preferem vestir-se de côres claras; jaquetas, largas bragas e sapatos, tudo de côres leves, e com a feição chinesa; envergam ainda por cima uma saia ou cabaia que lhes desce até á altura do tornozello. Os ricos trazem vestimenta de seda azul. A côr mais usada pelos pobres é um amarello desmaiado, sujo. As mulheres vestem umas saias de prégas com muita rôda. A condição social da mulher e o mais miseravel que imaginar se pôde; e a mulher n'aquelles paizes, não é a companheira natural do homem, porém sim a sua escrava; e a sua besta de carga; e a sua machina de trabalho; um ser sem dignidade humana e sem existencia moral, pois que nem as leis nem os costumes lhe reconhecem direitos de especie alguma.

É de esperar, para bem d'estes seres infelizes, que o Japão mediante a guerra actual, venha a actuar poderosamente nos costumes e viver intimo dos povos coréanos, e que por effeito d'essa influencia, a sorte das pobres mulheres possa em fim melhorar.

A vinhêta n.º 3 reproduz o embarque de tropas chinezas em Shanghai. O soldado chinês usa ainda exactamente o mesmo traje que usavam, ha mil e tantos annos, os seus antepassados e igual principio domina em todo o apparato bélico da China. Posto que a infantaria ou pelo menos uma parte, use a espingarda allemã, Murat 71, e tenha recebido instrucção de varios officiaes inferiores allemães, são estas circumstancias, porém méras excepções; o chinês nem é um soldado com a capacidade do europeu, nem o virá a ser, provavelmente, em quanto o Celeste Imperio não passar por completa transformação.

O japonês, cuja civilização é tambem de antiga data, avantajou-se notavelmente em progresso ao seu lethargico visinho, e dá-lhe excellentes exemplos. Corrobora esta affirmativa a vinhêta n.º 4; bastará comparar o aguerrido soldado moderno que ella representa, com o guerreiro archaico da vinhêta n.º 3. O reino insular transformou totalmente, no ultimo quartel d'este seculo, a sua organização militar, refundindo-a em moldes europeus. O general japonês que commanda o exercito expedicionario na Corêa, esteve, até ha 3 annos, em tirocinio na Prussia e serviu durante prazo assaz longo, no regimento de infantaria 57, o de Wesel; e muitos officiaes japonezes, n'estes tempos mais chegados, militaram tambem no exercito prussiano. Dois officiaes do estado maior general prussiano, o tenente coronel Meskel e o major de Wildenbruck, são ha muito, professores na Escola Militar do Japão.

O progresso e o *statu quo*, formam contraste que claramente traduzem as nossas gravuras.

O n.º 5 representa um magote de gente reunida em frente do portal do palacio, em Soul; destacam-se, pela sua forma typica, os altos e cabuchados chapéus birmanicos. O n.º 6 reproduz o aspecto de uma rua em Soul. Abstrahindo do traje das gentes, poderíamos suppôr estar contemplando uma rua em qualquer das cidades da China.

O n.º 7 completa o quadro, apresentandó-nos a vista de Tschémulpo, chave da cápital da Corêa. Já por mais de uma vez nomeada nas noticias da guerra, quem sabe se esta localidade não está talvez destinada a vir a ser ainda theatro de acontecimentos de maior importancia, e de mais alta significação politica.

#### ERMIDA DE GARCIA DE REZENDE, NA CERCA DO ESPINHEIRO, EM EVORA

Quem se affastar para nordeste de Evora, cerca de uns quatro kilometros encontra um convento n'um planalto rodeado de mansos declives, um convento muito notavel na sua architectura porquanto é elegante e simples mas d'uma simplicidade graciosa. Foi n'este mosteiro que D. Manuel recebeu a noticia do descobrimento da India e isto dá ao convento um alto valor historico.

O convento foi fundado, em 1458, pelo bispo de Evora D. Vasco Perdigão, que alli jáz, e provavelmente foi reconstruido e alargado pelos monges de S. Jeronymo.

Junto ao convento, do lado norte, existe uma pequena tapada; é ahi que fica a ermida que a nossa gravura representa. É muito elegante mas está já bastante arruinada. Esta ermida foi mandada construir pelo eborense Garcia de Rezende, moço de Escrevaninha de D. João II e tambem, seu chronista.

Sobre a porta da ermida lê-se uma inscripção que diz:

ESTA ERMIDA E FONTE MANDOU FAZER  
GARCIA DE REZENDE EM LOUVOR DE NOSSA SENHORA  
ANNO DE MDXX

Interiormente o templosinho mostra a falta de muitos dos azulejos em relevo que cobriam as paredes.

Merece attenção este pequeno edificio. Está ligado a elle o nome do chronista palaciano, do homem que tanto conheceu e privou com o austero, grave e mysterioso D. João II.

O esvelto da sua construcção revela bem o lapis mimoso de Garcia de Resende, o auctor da Torre de Belem, aquella joia d'architectura militar, que se ergue gentil a meio da margem esquerda do Tejo.

Recommenda-se sobretudo esta ermida pela singularidade da sua architectura, e bem se pode considerar como um especimen no seu genero, bastante semelhante á architectura religioso-militar de que existe nas cercanias de Evora um exemplar perfeito — a Ermida de S. Braz.<sup>1</sup>

### UM PADRÃO PORTUGUEZ<sup>2</sup>

Noticiou ha tempos, em palavras breves, o telegrapho — não sabemos se se lembram — que o imperador allemão mandou transportar a Kiel e guardar com piedosa solicitude um venerando padrão portuguez, recentemente achado em territorio allemão da costa occidental da Africa.

Pois a este respeito encontramos na secção *Arte sciencia e vida* d'um dos numeros da *Kolnische Zeitung*, chegados a Lisboa na semana finda, as seguintes interessantes linhas que nos apresamos a traduzir, no desejo de que fiquem patrioticamente conservadas n'este nosso registo semanal do que de mais interessante para nós memoria, a sabendas nossas a imprensa d'esse vasto mundo: «O padrão de Cabo Cross.» (Tomamos a liberdade de recordar a quem nos lêr que o *Cap Cross* dos allemães é o *Cross point* dos inglezes e o mais portuguez e mais exacto, por mais antigo e original, *Cabo da Serra*, dos nossos navegadores e dos nossos livros.) «Quando o Papa Xisto IV havia confirmado a Portugal, pela Bulla de 21 de julho de 1481, a posse de todos os descobrimentos africanos, introduziu o rei João II, de Portugal, o costume de collocar, para demonstra-

ção do seu direito de prioridade, padrões com inscripção latina ou portugueza, em vez das até então usadas e menos duradouras cruces de madeira, que os descobridores levantavam nos mais salientes pontos da costa percorrida. O primeiro que transportou a bordo taes padrões foi o cavalleiro portuguez Diogo Cão ou Cam, o qual no verão de 1484 percorreu com dois navios n'uma viagem de descobrimento a costa occidental da Africa; na sua companhia foi tambem exercendo as funcções de cosmographo o nosso patricio Martim Behaim de Nuvemberg.

«A expedição foi ter ao mais importante de todos os rios africanos, ao Congo, em cuja embocadura, da parte do sul, foi levantado o primeiro padrão. O segundo padrão foi collocado no Cabo Agostinho ao norte do Cabo Negro em 13º 27' de latitude sul, e o terceiro no actual Cabo Cross ao norte de Walfischbai, na costa da Africa occidental allemã.

«No globo de Behaim o lugar d'este ultimo padrão é assignalado com a seguinte inscripção: *Aqui foram collocados os padrões do rei de Portugal anno domini de 1485 a 18 de janeiro*

«No anno passado foi este padrão trasladado para Kiel a bordo do cruzador *Falke* e ahi collocado na collecção historica da Academia de Marinha. O padrão acha se munido de um capitel, um dos lados do qual ostenta as armas portuguezas, emquanto nos tres outros se acha uma inscripção latina e no fuste uma portugueza.

«Por ordem do imperador foi agora collocado em Cabo Cross, em lugar do antigo, um novo padrão, o qual é feito de granito polido pardo escuro com as dimensões exactas do velho padrão, que fielmente imita, achando se munido tambem das inscripções e das armas do original. No fuste tem a mais o novo padrão as armas do imperio germanico com a subscripção: «De ordem de sua magestade o imperador allemão e rei da Prussia foi collocado no anno de 1894 em lugar do primitivo, damnificado no decorrer dos annos pela acção do tempo.»

Ha no trecho que ahi fica fielmente trasladado duas inexactões graves, que importa corrigir, embora só succintamente.

Em primeiro lugar, presume a *Kolnische Zeitung* que só houve uma viagem de Diogo Cão, que essa se realisou em 1484, e que então foi posto o primeiro padrão que menciona dos collocados pelo modesto, se quizerem, mas audaz e feliz navegador, na ponta austral da foz do Zaire (6º 6' de lat. sul). Ora é hoje certo que Diogo Cão fez duas viagens, uma que o sr. Luciano Cordeiro no seu interessante estudo sobre este navegador suppõe realisada entre 1482 e 1483, on principios de 1484, accrescentamos nós, pois um documento da chancellaria de D. João II de 8 de abril de 1482, citado e trasladado não só pelo sr. Luciano Cordeiro mas tambem na «Collecção de documentos do Real Archivo» publicados por occasião do centenario de Colombo, se diz «que ora veyo»; e outra viagem em 1484.

Em segundo lugar, o padrão collocado por Diogo Cão no Cabo da Serra dos portuguezes, ou Cabo Cross dos allemães, não é o terceiro mas sim o quarto. O que induziu a gazeta allemã n'este erro é o apontarem se em geral só tres padrões que houvessem sido elevados pelo Diogo Cão. Cita com effeito só tres Alexandre de Castilho nos seus *Etudes historico-geographiques*; seguindo esta auctoridade cita apenas tres Perchel na sua bella historia da geographia, e o proprio sr. Luciano Cordeiro tres menciona apenas no seu estudo a que alludimos já (pag. 65 e 66) a saber: o primeiro na foz do Zaire, o segundo no Cabo de Santo Agostinho, hoje Cabo de Santa Maria (13º 27' 15" de latitude sul), o terceiro no Cabo Negro, d'antes Cabo do Padrão (15º 40' 30" de latitude sul). Ora a verdade é que foram quatro e não tres e que o quarto e não o terceiro, como lhe chama a gazeta de Colonia foi collocado pelo grande navegador no sitio d'onde agora se tiraram os allemães para o levarem para a sua Academia de Marinha em Kiel. Como muito bem conjectura o sr. Luciano Cordeiro, os dois primeiros foram collocados por Diogo Cão na sua primeira viagem; os outros dois foram o, evidentemente, na segunda.

Felizmente, e graças de certo á intervenção directa do imperador allemão, não coube a esta irrecusavel e veneranda testemunha da nossa passada grandeza a sorte que teve o seu glorioso irmão do Zaire: não o destruiu a acção bruta das forças inconscientes da natureza ou a ainda mais bruta acção das paixões estupidas dos homens.

Preferiamos, é certo, desde que outro mais recente ficava no antigo lugar attendendo á prioridade na nossa chegada áquellas partes, que a veneranda ruina viesse para terra portugueza. Mas

<sup>1</sup> Vide OCCIDENTE, vol. 7º pag. 154 e 156.

<sup>2</sup> Do nosso collega o *Economista* transcrevemos com a devida venia o artigo que vae ler-se, e que por ser da maior importancia historica lhe damos lugar n'este repositorio da historia patria.

fique embora onde está. Alli continuará cumprindo a sua secular missão de afirmar a extranhos a prioridade dos nossos descobrimentos.»

## MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUIZIÇÃO DE LISBOA

(Concluido do numero 571)

Estas ultimas palavras, ao contrario do que se póde imaginar, correspondiam n'este caso a applicação da pena de morte.

Lidas as sentenças, o meirinho entregou Villa-Real, assim como os seus companheiros, aos ministros da justiça secular que assistiam no auto; sellaram os inquisidores as sentenças com o sello do Santo-Officio; e o inquisidor mais antigo deu-as ao desembargador que presidia no despacho dos relaxados, o qual sem examinar os competentes processos, porque a Relação fazia só obra pela copia d'ellas que o Santo-Officio lhe ministrava, condemnou-os todos a morte, sendo a de Villa-Real de garrote por ter abjurado a perfidia, pois só se queimavam vivos os herejes profitentes.

Retirados os relaxados do cadafalso, ordenou-se a precissão dos penitentes e reconciliados na mesma forma em que tinha ido, e voltou a Inquizição; em cuja sala o alcaide do carcere da penitencia tomou entrega d'elles da mão do meirinho e os recolheu nas suas prisões, para na terça feira seguinte serem apoitados pelas ruas da cidade os condemnados a essa pena e serem conduzidos a cadeia publica os condemnados a degredo, depois de instruidos convenientemente na fé, com precatório ao Juiz dos Degredados para fazer cumprir as suas sentenças.

### XVII

Restava só para finalizar a horrivel tragedia, que temos esboçado imperfeitamente e em que Villa-Real é o auctor mais interessante, o ultimo acto, a sua execução. Chegou a hora tremenda, e elle caminhou para o logar do supplicio. Já o aguardava impaciente a população, ávida sempre d'estas scenas atrozes; já estava preparado o instrumento homicida; já o ensaiava o algoz; tudo lhe feriu a alma n'um relance; e ao encarar, como n'um sonho do inferno, a morte publica e ignominiosa que lhe destinavam, estremeceu, fechou os olhos involuntariamente, desejou perder a razão e o sentimento, para não ver, para não pensar, para não soffrer; mas, dentro em breve, sentiu apertarem-lhe o pescoço, faltar-lhe a respiração, fugir-lhe o ultimo aranco e juntamente com elle fugir-lhe a vida.

Assim acabou Manuel Fernandes Villa-Real! Havia tripta e sete mezes que fora preso; tinha quarenta e quatro annos de idade e bastantes de bons serviços a patria; como vimos, esses serviços porem (fundadamente elle o previa, quando os alegou em sua defeza), não valeram nada no tribunal da fé, antes, da intolerancia religiosa, que não recuava diante de coisa alguma para satisfazer suas ruins paixões, embora prejudicasse o paiz.

Assim acabou Villa-Real; mas a justiça implacavel do Santo-Officio não estava ainda satisfeita; cumpria manchar-lhe a memoria; publicar lhe mais longe a culpa; divulgar-lhe o castigo, para aviso, para escarmento de presentes e futuros; e o habito que elle levava no auto da fé foi exposto com o seu nome e a sua patria nas freguezias onde nascera e onde era morador e n'uma das egrejas principaes de Lisboa, como determinava o *Regimento!*

Além de Villa-Real, a Inquizição relaxou n'aquelle dia mais seis réos a justiça secular, como já sabemos, todos pelo crime de judaismo, quatro em carne: Manuel de Carnide, Francisco Gomes Netto, Simão Rodrigues Nobre e Brites Gomes, e dois em estatua (os que morreram no carcere): Fernand Alves e Antonia Mendes. Simão Rodrigues Nobre era advogado na cidade da Guarda. Quanto a Francisco Gomes Netto já o conhecemos por figurar no processo de Villa-Real como seu companheiro de prisão e seu denunciante.

No que fica expendido acerca da existencia e das obras de Villa-Real ha já o sufficiente para formar ideia da sua pessoa e da sua valia litteraria; entretanto fundaremos este estudo pondo aqui dois attendiveis testemunhos a seu favor: um é o auctor da *Histoire sécrète de D. Antoine Roy de Portugal*, o qual lhe faz o seguinte elogio: «homme d'agréable commerce; son esprit était d'un caractère à se faire beaucoup d'amis; aussi tous les gens de qualité et de bon gout se faisaient un plaisir de le voir»; o outro é frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, o qual no *Propugnaculum Lusitano-Gallicum*, pag. 182, o intitula: acutus et peritus hujus seculi scriptor.

Estas palavras de Macedo, postas aqui em seguida ao supplicio do homem que elle com suas accusações levou aos carceres do Santo-Officio e á morte, soam-nos como uma ironia cruel ou como a piedade do algoz ao ver cair aos pés no cadafalso a victima estrangulada por suas proprias mãos. <sup>1</sup>

RAMOS-COELHO.

## SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º antecedente)

### I

#### MACHIAVELLISMOS

Entretanto José Eliás continuava com as suas pesquisas, e para o serviço não soffrer com a sua curiosidade, industriara um rapasito, seu sobrinho, agil e esperto, e collocara-o de atalaia juncto ás grades do altar. Mas o pequeno, animado no primeiro dia, começou a aborrecer-se logo da commissão que tão traiçoeiramente o isolava das esturdias escolares, em que era pimpão; e, para melhor esquecer a sua desdita, deu em aproveitar o tempo de vigilancia em deleitosas somnecias, fazendo travesseiro das proprias grades que o tio recomendará á sua attenção.

José Elias, confiado e contente de si, esperava o exito feliz do estratagem; mas as negativas do sobrinho, todos os dias repetidas iam começando a embaraçar o. Mas não desistia. E suspeitando que o rapaz cumpria mal a obrigação, tractou de o espiar tambem.

—Se a culpa for d'elle, escavaco-o!—dizia, furioso. O padre Clemente, a quem elle dava amigavelmente pormenores de toda a sua tatica, vendo o andar ás corridas para espreitar o sobrinho, disse-lhe um dia, a rir:

—Oh José Elias, você, n'esse caminhar acaba por espiar-se a si mesmo! Que phrenezi, homem!

—Ah, isto agora já é por ferro, senhor padre Clemente! Porque eu tenho a certeza de que ali anda maroteira. A mulher não engana, senhor! É uma bruxa acabada! Só queria que v. sr.ª a visse.

Precisamente, n'aquelle manhã, quando o padre Clemente descia a nave da igreja, caminhando para o seu almoço com o appetite cavado pela missa já dita, o sacristão veio atraz d'elle com gesto excitado:

—Olhe, olhe, senhor padre Clemente: lá vae ella, lá vae o estafermo da velha a sahir! — e apontava, sem resguardo, uma figura esguia de mulher, de chale pela cabeça, que n'aquelle momento parara a mergulhar os dedos escarnados na pia de agua benta.

O padre fixou-a, com muita attenção, ferrando o beico:

—Aquella? Mas aquella é a Tintureira!

—Quem, quem, meu senhor?

—A Tintureira, você não conhece?... É uma mulherzinha que na mocidade fez um rico negocio comigo mesma... Disseram-m'o, que eu não sou d'esse tempo. Até me admira você não ter ouvido fallar. Diz que até o Deão que morreu, o D. Nicasio, lhe pôz casa ahí para os Pelames...

—Pois, senhor, acredite que nunca ouvi fallar...

—Emfim, fosse lá como fosse!... O que é certo é que ella, assim que chegou aos cincoenta annos e viu que ninguém lhe dava um real por elles, deu em fazer benzedelas, a talhar o ar, a passar cartinhas de namoro... Fora o resto.

—Então sempre eu tinha razão!

—Sim, ella é fraca rez!

—E eu ainda estou na minha. Aquillo d'ella estar sempre a esmurraçar o peito, no altar de S. José, antes e depois da missa de v. sr.ª, leva agua no bico: Ali anda empreitada... Que diz, senhor padre Clemente, andará ou não?

—Eu sei lá, homem! Agora já não digo nada. Capaz d'isso, é ella, e de muito mais.

Esta primeira descoberta, foi um violento estimulo para a curiosidade do José Elias; o serviço da sacristia, andava cada vez mais descurado, o seu andar surruteiro tornara-se mais cauteloso e subtil, rondando no seu posto de vigilancia; e já pela terceira vez as ameaças sermonaes do conego Pestana, tinham enchido de pavor o seu atribulado coração.

—Oh, senhor sacristão, quantas vezes é necessario dizer-lhe as coisas? — bramiu elle, indignado por não lóbrigar a sua figurá nos espelhos da sacristia, que uma espessa camada de pó velava.

José Elias baibuciu, constricto:

—Senhor conego, eu...

—Qual eu, nem qual cabaça! — rugiu, furioso.

—Veja estes espelhos; que indecencia! Parece que estiveram a apanhar quanto pó ha por essas ruas! Pode-se escrever n'elles! — e o seu dedo nervoso riscava, com furor, uma das superficies empoadas.—Olhe p'ra isto! Diga-me se isto são espelhos onde se possa ver um ministro do Senhor!

—Mas, senhor conego, v. sr.ª desculpe, foi um descuido...

—Não ha descuidos, não ha nada! É você que não traz a cabeça no seu logar, é o que é! Um dia são alvas por cima das mezas; outro, hostias de massa aziumada, que são mesmo da gente fa-

zer uma careta quando engole o corpo de Nosso Senhor!... E então, tudo carregado de immundicie! Você, dantes, não era assim! Parece que perdeu o sizo, homem! Vá, vá, mexa-se; limpe-me já todos esses espelhos, ande!

E como tinham chegado outros padres, o conego, discursador, voltou-se para elles:

—Vejam os collegas isto! Digam-me se não parece que estiveram a peneirar em cima d'estes espelhos, d'estas mezas, de tudo o que aqui está, todo o pó que ha na estrada dos Arcos!

Os outros assentiram, graves, bambeando a cabeça.

—Até pode ser causa de algum desacato — continuou o conego. — Imaginem que entrava aqui um d'esses pedreiros livres, de que a cidade está hoje cheia. Podia muito bem, sem mais auxilio do que um dos seus impios dedos, escrever sobre este pó: «Viva Luthero!», por exemplo, e a gente cá ficava com o insulto e Nosso Senhor tambem!

José Elias, vexado, espanejava atabalhoadamente madeiras e crystaes, meditando os males pavorosos que o pó pode causar simultaneamente aos espelhos e ás Religiões. E se o delicto previsto pelo conego se realisasse, quem era o responsavel?... Era elle! Um dos ecclesiasticos, acabava de o dizer claramente:

—Com essa incuria, homem, põe a sua alma em grave risco.

E o padre que assim fallara, era um missionario do Varatojo, que conhecia a palmas os horrores do inferno! Poço! nem se podia ter um bocado de curiosidade! Mas, com os demonios! a velha havia de levar a sua ávante?...

Passou todo o dia n'estas hesitações; afinal, para conciliar tudo, associou a esposa á sua empresa, e devotou-se, com o antigo zello, aos seus deveres officiaes confiante e esfregando as mãos.

—Para maldade de mulher, curiosidade de mulher: — monologara elle, sentencioso e satisfeito. E a sr.ª Domingas começou as suas devoções diarias ao patriarcha S. José.

O rapido exito d'esta manobra, entrou na anciosa expectativa do sacristão como uma explosão de alegria. Ao segundo dia da sua espionagem, descobriu a sr.ª Domingas que a Tintureira, quando se curvava a bater no peito com a mão direita, ia esgaravatando com a esquerda o estreitissimo espaço que ficava entre a soleira da grade de pau preto e o pavimento. Calou-se, todavia; só disse ao marido:

—Amanhã hei-de dar com a coisa! A's tres, tem vez!

Disse, e mais risonha do que nunca, lá se collocou, no dia seguinte, de atalaia. Parecia mais devota, n'aquelle manhã, a sr.ª Domingas; e os seus gestos excitados e violentos, como que implorando misericordia para alguma culpa excepcional. Tudo tactica: restos da maçã synderetica que a sr.ª Domingas herdara com o sexo. E quando a Tintureira começou as declamações habituaes e dobrou o corpo hirtó para esmurraçar o peito, a mulher do José Elias, devotamente, curvou-se a beijar o pavimento — e os seus olhos investigadores, através d'aquelle mimica, viram bem claramente, bem nitidamente, a mão ossea da Tintureira introduzir debaixo da soleira das grades, uma alvura asetinada de envelope.

Uma carta! — O José Elias, apenas o soube, deu dois pulos de contente. Elle bem o dizia! Ali estava, bem desmascarada, a maroteira que elle adivinhara! No seu explosivo enthusiasmo, confidenciou tudo ao padre Clemente, e este, achando graça ao caso, narrou-o por sua vez ao conego Pestana, que urrou indignado:

—Corja! Fazerem da igreja casa de alcovitice! Deixa estar que eu arranjo a mulherinha.

Subito, a mesma pergunta afflorou aos labios dos tres:

—Mas para quem será a carta?

Houve um pequeno silencio cogitativo.

—P'ra ali, — disse, afinal, o Elias, — quasi que só vão as senhoras do Palmeirão...

—Por essas, parece-me que podia pôr as mãos no fogo! — declarou o padre Clemente, convicto.

—Pois fazia uma grande asneira, meu amigo! — troou o conego, — porque as queimava com toda a certeza! E para tirar as duvidas, vá você buscar a carta, José Elias.

O padre Clemente teve um movimento de escrupulo:

—Oh collega, permitta...

Mas já o sacristão, aproveitando o ensejo da igreja quasi solitaria, corria no cumprimento d'aquelle ordem, e o conego voltando-se então para o ontro:

—Pois o collega tem escrupulos n'uma coisa d'estas. Não é nosso dever pugnar pelo decoro da Igreja? Pois ahí está: supprimindo-se a carta, castiga-se a irreverencia de tal acção. De resto,

<sup>1</sup> O processo de Villa-Real, fundó principal d'este estudo, guarda-se no Archivo Nacional da Torre de Tombo.

a mim, parece-me que vou colher elementos para conjurar uma grande desgraça domestica ! O fim é sacratissimo, padre Clemente ! Ainda que a carta fosse interceptada em outras condições menos louváveis, o fim santificaria sempre os meios, padre Clemente ! Porque é uma desgraça que se evita : eu sinto-o ! Não sei se é inspiração de Nosso Senhor, mas eu sinto-o, sinto-o !

N'este momento, José Elias voltou, escondendo na manga da samarra, um largo envelope sem endereço, indelicadamente perfumado com cinamomo

— Ai, senhor conego, que cheiro a peccado ! Isto é coisa de mulher desavergonhada !... — fez o sacristão, apresentando a carta.

O conego aspirou o perfume com delicia e iongor, depois levou-o affectuosamente ao nariz do collega.

— Cheirinho doce ! — fez este.

— Como assucar ! — troou o conego, affogueado e lascivo. — Parece que até faz cocegas no nariz. Vamos lá a abrir : deve ser obra !

E, com mão despotica, rasgou o envelope. O primeiro relance de olhos ao papel desdobrado, arrancou-lhe uma exclamação :

— Olha o canudo ! Fomos codilhados !

Padre Clemente esquecendo os escrúpulos e o sacristão os deveres hierarchicos, tiveram ambos o mesmo avido movimento de curiosidade.

— Então ? — interrogaram.

O conego, em resposta, leu as poucas linhas que negrejavam na folha de papel :

«Querida : — Porque me não escreves ? Mereco-te porventura esse silencio, cuja causa a minha dôr em vão interroga ? Dize, manda depressa uma palavra boa que termine esta penosa situação. Teu, E.»

Um meditado silencio acolheu aquella revelação amorosa. Afinal o conego, dobrando vagorosamente o papel, murmurou :

— Ahí têm ! Lá namorico ha ; mas enquanto a saber-se quem são os desavergonhados, ficamos na mesma... E, o figurão chama-se E... Quem quer que seja, é cauteloso.

— Será ella do senhor padre Eleutherio, das missas primeiras?... Diz que elle é levadinho da bréca, com saias. Já uma vez...

A contar uma anecdota picante do sacerdote : padre Clemente vibrou-lhe um olhar severo :

— Então, Elias, silencio !...

Mas o conego, com mais benevolencia para aquellas fraquezas da Batina, tambem repeliu a conjectura :

— Não, lá do Eleutherio não é ; conheço-lhe a letra e o estylo. Chama a todas as mulheres, se raphim, bonina, ou outra coisa assim mimosa. Tem lábia ! E apesar dos oculos azues, arranja... Emfim, adiante ! Lá do Eleutherio, não é tenho a certeza.

— Eu dizia, por causa da letra da assignatura...

— Ora ! A letra da assignatura, diz muita coisa. Tanto pôde dizer Eleutherio, como Estupido, como... Até pôde dizer Elias, veja lá ! Pela letra, até podia ser obra sua !

— Crédo !

O conego, já impaciente, irritado pelo mau exito d'aquella manobra, e por a imprudencia de se ter acamaradado com o sacristão em tão melindroso incidente, expectorou :

— Sabem o que o E quer dizer?... Não sabem ? Quer dizer «espiga» ! Uma taluda espiga é o que é toda esta embrulhada. Tome lá o papel, Jose Elias, e faça o que quizer. O que eu desejo é que me não torne a fallar n'isso !

— Mas, senhor conego, que conselho...

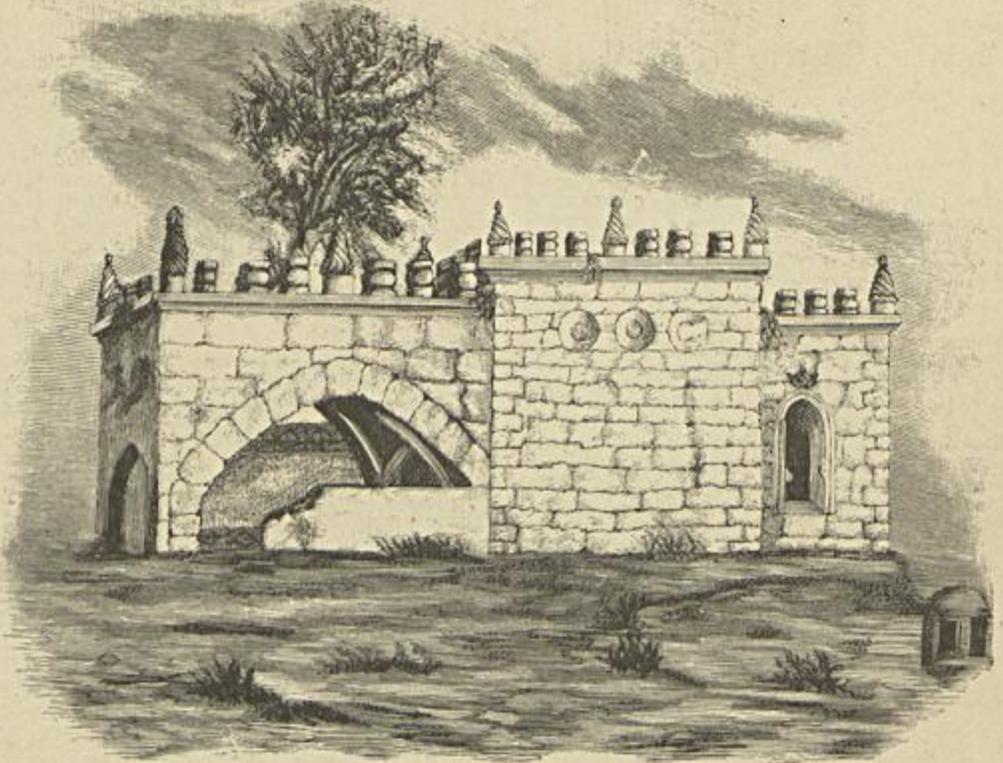
— Não há conselhos. Faça o que quizer, já lhe disse !

Padre Clemente interveio, com gesto moderado.

— O melhor a fazer, é queimar o papel e guardar segredo. D'essa maneira, evita-se o escandalo e ficam punidos os culpados. Não lhe parece, collega?...

— Palavras de ouro, padre Clemente ! Vamos embora.

E os dois padres, com a secreta desolação da sua curiosidade ludibriada, desceram silenciosamente a nave da cathedral.



ERMIDA DE GARCIA DE REZENDE NA CERCA DO ESPINHEIRO, EM EVORA

tado, sem se avançar um passo no caminho das discussões serias das medidas governativas que se acham dependentes da approvação do parlamento, e d'aquellas que o governo tem ainda para apresentar á apreciação do dito parlamento.

E entretanto o tempo passa e não volta, e mal vae a quem o não sabe aproveitar devidamente.

As propostas de fazenda é o que menos tem preocupado a camara e a imprensa politica. É como se tal não houvesse, e as discussões vão espraçando-se na resposta ao discurso da corôa, e a proposito do fretamento do vapor *Cazengo* da *Empreza Nacional*, para conduzir a expedição que foi para Lourenço Marques.

Esta ultima questiuncula levantou tal tempestade, que obrigou o presidente da camara dos srs. deputados a levantar a sessão no dia 7 do corrente, por não ser possivel restabelecer a ordem na assembléa.

A pedra de escandalo foi o sr. ministro da marinha declarar que não tinha recebido uma proposta da *Mala Real* para o transporte da expedição a Lourenço Marques, que a opposição queria por força que s. ex.<sup>a</sup> tivesse recebido.

E sobre isto insistiu a discussão, apesar das explicações claras que o sr. ministro da marinha, deu sobre o caso, fazendo a opposição um chinfrin sem pés nem cabeça, completamente desorientada, que não foi possivel chamar á ordem.

O principal fim de toda esta questiuncula é insinuar que o governo quiz proteger a *Empreza Nacional*, não se importando com a proposta da *Mala Real*. Ora não sabemos com que justos fundamentos se faz esta accusação ao governo, mas o que sabemos é que a *Mala Real* teve a mais ampla protecção dos governos, que a subsidiaram e lhe fizeram grandes adiantamentos de dinheiro como é publico e sabido, e apesar de todos os auxilios ella faliu, com grande admiracão de toda a gente, que não sabia da má administração d'aquella empreza fundada sobre os melhores auspicios.

E porque não se soube administrar e falliu, ainda ha quem intenda que o governo devia fazer contractos com ella, que não pôde responder pelo fiel cumprimento d'esses contractos, porque lhes faltam os fundos necessarios e o credito para assumir essa responsabilidade.

Em tudo transparece a brandura dos costumes ou a toleima, que tem arrastado o paiz a este estado, parecendo que em Portugal é muito melhor ser-se mau administrador, indolente, perdulario, cahir emfim em más circumstancias, para merecer o dô e a potecção de todos, do que saber administrar, ser activo, trabalhador e prosperar, que levanta logo censuras e invejas.

Podiamos citar exemplos bem vivos e palpitanes que por ahí se veem, sobre o que acabamos de escrever, mas parece-nos desnecessario, porque são conhecidos de todos e até fazem parte dos nossos costumes.

Folgamos que a *Empreza Nacional*, seja uma empreza prospera, que tem sabido cumprir os seus contractos e se tem administrado de modo a enriquecer-se. Tanto melhor para ella e para o paiz e só é pena que em Portugal não hajam muitas emprezas assim, a concorrerem para a riqueza nacional.

No nosso entender são emprezas d'estas que merecem toda a protecção porque a sabem aproveitar utilmente, que quanto a quem se não sabe administrar é o mesmo que deitar semente em terreno esteril ; perde-se o trabalho e a sementeira.

Não se pense por isto que somos accionista da *Empreza Nacional*, como nada temos com a *Mala Real*, ou aspiramos sequer a receber um bilhete de agradecimento dos seus directores, que não conhecemos, mas simplesmente o amor da verdade e da justiça, nos leva a escrevermos estas palavras, que pezem seja a quem fôr.

E com isto eschemos os quartos de papel destinados a esta revista, do que não nos arrependemos, porque mais nada de notavel temos a noticiar aos nossos leitores sobre o andamento dos negocios politicos cá da terra.

A discussão sobre o discurso da corôa só deu logar a um discurso do sr. presidente do conselho, a que principiou a responder o sr. Eduardo José Coelho, resposta que ficou interrompida pelo chinfrin da sessão do dia 7 e de que não sabemos se s. ex.<sup>a</sup> perderia o fio.

Se assim fôr não se perde coisa de grande monta.

João Verdades.

## ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE» Para 1895

Já está publicado e á venda este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando a Batalha das Flores no Campo Grande.

Preço 200 réis — pelo correio 220 réis.

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.<sup>a</sup>



## REVISTA POLITICA

Se não nos corresse o dever de em todos os numeros do OCCIDENTE preenchermos esta secção com as noticias da politica interna, dando conta do que ha de novo, poderiamos reeditar a nossa ultima revista, porque as coisas continuam no mesmo es-